

A LÍNGUA PORTUGUESA COMO REFERENCIAL PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E LETRAMENTO

THE PORTUGUESE LANGUAGE AS A REFERENCE FOR THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE AND LITERACY

Nome (s) do (s) autor (es)

Ana Caroline da Silva Machado

Orientador

Prof (a). Esp. Rosimeri Costa.

Mestre em Letras e Ciências Humanas

RESUMO

O presente artigo, tem como base, discutir a respeito da importância da língua portuguesa como referencial para construção do conhecimento e letramento na educação infantil Brasileira após o séc. XIX. Sendo seus objetivos específicos: Apresentar os significados do ler, escrever e brincar para crianças pequenas; debater a respeito do contexto das discussões do lugar que o letramento representa e abordar sobre a intensificação da alfabetização na educação infantil a partir do séc. XIX. Afirmamos neste artigo o conceito de letramento, na perspectiva de explicitar o sentido social da aprendizagem da língua escrita, a utilização da noção de letramento tem levado a dicotomizar forma & sentido, técnica & conhecimento, individual & social, fonema & linguagem, entre outros elementos. Uma forte evidência deste fato é a associação cada vez mais estreita dos dois termos, alfabetização e letramento, em que alfabetização se associa com o primeiro elemento de cada dupla elencada e letramento, o segundo. As expressões "alfabetizar letrando" e "letrar alfabetizando". Procurou-se mostrar neste artigo a importância da tríade, ler e brincar, bem como explicitamos os conceitos de letramento é necessária a qualidade, eficiência e competência dos gestores educacionais, da coordenação pedagógica, de professores para que haja às discussões do tema letramento, definindo qual a melhor teoria.

Palavras-chave: Letramento, construção do conhecimento e alfabetização.

ABSTRACT

The basis of this article is to discuss the importance of the Portuguese language as a reference for the construction of knowledge and literacy in Brazilian early childhood education after the 20th century. XIX. Its specific objectives are: To present the meanings of reading, writing and playing to young children; debate about the context of discussions about the place that literacy represents and address the intensification of literacy in early childhood education from the 20th century onwards. XIX. In this article we affirm the concept of literacy, from the perspective of explaining the social meaning of learning written language, the use of the notion of literacy has led to dichotomizing form & meaning, technique & knowledge, individual & social, phoneme & language, among other elements. Strong evidence of this fact is the increasingly close association of the two terms, literacy and literacy, in which literacy is associated with the first element of each pair listed and literacy, the second. The expressions "literate literacy" and "literary alphabetizing". In this article, we sought to show the importance of the triad, reading and playing, as well as explaining the concepts of literacy. The quality, efficiency and competence of educational managers, pedagogical coordination, teachers is necessary so that there can be discussions on the topic of literacy, defining what is the best theory?

Keywords: Literacy, knowledge construction and literacy.

INTRODUÇÃO:

A construção do conceito e do entendimento de letramento, precisa encontrar-se presente na vida cotidiana dos brasileiros. Essa realidade nos conduz a afirmar que o letramento ainda é um conceito pouco conhecido e mal discutido no Brasil.

O presente artigo, com base na análise de literaturas e pesquisa na internet, bem como em uma pesquisa realizada com cerca de 20 professores, de escolas públicas e privadas, será discutir a respeito da importância da língua portuguesa como referencial para construção do conhecimento e letramento na educação infantil Brasileira após o séc. XIX.

Sendo seus objetivos específicos: Apresentar os significados do ler, escrever e brincar para crianças pequenas; debater a respeito do contexto das discussões do lugar que o letramento representa e abordar sobre a intensificação da alfabetização na educação infantil a partir do séc. XIX.

De acordo com, Rangel (2003), o livro didático “tornou-se, no Brasil, um instrumento inescapável de letramento”, pois “para muitos brasileiros escolarizados, o LD tem sido o principal ou o exclusivo meio de acesso ao mundo da escrita”. Para Corrêa (2003, p. 53) muitos estudantes no Brasil só têm acesso ao texto literário por meio do LD.

Este fator demonstra a situação e o nível de letramento em nosso país, onde os materiais de leitura disponíveis por grande parte da população ainda são considerados inacessíveis e o índice de habilidade leitora é precário, ocasionando os resultados nas avaliações internas e externas das habilidades de leitura de nossos estudantes, ou seja, algo desanimador; reforçando assim o “letramento rarefeito” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1991), que ocorre no Brasil.

É de suma importância ainda, salientar que o LD ocupa um lugar de destaque na, definição das políticas públicas em educação, desempenhando, na escola, uma função de suma importância, seja como forma de delimitar a proposta pedagógica a ser explorada em sala, como material de suporte ao encaminhamento das atividades de ensino e aprendizagem, seja como auxílio único disponível para professores e alunos.

Para essa empreitada, partimos do debate a respeito do letramento, seus conceitos, estudos, propostas e metodologias de alfabetização, e divergências. A discussão trata exemplos do LDLP adotados pelas escolas para fins de contextualização.

Dar uma definição para o termo “alfabetização”, nos parece ser algo desproposital, visto que, trata-se de um conceito conhecido e já familiar. Qualquer pessoa compreende que alfabetizar é a ação de ensinar a ler e a escrever. No entanto, o que significa ler e escrever? Ao longo da nossa história, essas ações foram tornando-se mais complexas, e suas definições se modificaram e modernizaram, passando a envolver, a partir da década de 90, um novo termo: o letramento. Teremos como objetivo: Discutir neste artigo como esses dois termos, alfabetização e letramento, se relacionam entre si.

De acordo com Goulart (2006), a discussão sobre as dificuldades da escola para dar conta de alfabetizar de modo íntegro a população brasileira envolve muitas questões, como tem sido apontado em diversos estudos em questões de políticas educacionais, culturais, sociais, históricas, entre outras origens. A discussão se coloca principalmente, desde o final do século XIX e no entorno dessa discussão, a questão do melhor método de se alfabetizar sempre se fez presente, trazendo à tona o debate, sobre: o papel que a análise da língua em unidades linguísticas ocupa no processo de alfabetização.

Este debate tem gerado estudos, propostas e metodologias de alfabetização, e divergências. A discussão tem sido contínua, incorporando novos conhecimentos de diferentes áreas de estudo desenvolvidos especialmente a partir da década noventa do século passado. Quando o letramento se tornou popular no Brasil.

Esse termo surge com objetivo de ampliar o ato de alfabetizar e de inseri-lo no ato educativo, com um sentido social de aprender a ler e a escrever. No entanto a frente dessa ampliação, sabemos que o processo de alfabetizar está além de ensinar habilidades de codificação e decodificação do sistema alfabético, abrange o domínio dos conhecimentos que permitem o uso dessas habilidades nas práticas sociais.

Sabemos que o letramento começa muito antes de a criança pegar um lápis ou conhecer as letras e as formas de escrever. Para Lucas (2009) tais conhecimentos têm possibilitado uma discussão muito mais qualificada do tema, levando-nos à compreensão e explicação de muitos aspectos, fatos e fenômenos tradicionalmente recorrentes no processo de alfabetização, que será visto no próximo capítulo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O objetivo geral da pesquisa e a discussão a respeito da importância da língua portuguesa como referencial para construção do conhecimento e letramento na educação infantil Brasileira após o séc. XIX.

Segundo, Ferreira (2020), a alfabetização considerada como o ensino das habilidades de “codificação” e “decodificação” foi trazido para a sala de aula, no final do século XIX, com a criação de diferentes métodos de alfabetização – métodos sintéticos (silábicos ou fônicos) x métodos analíticos (global) –, que padronizaram a aprendizagem da leitura e da escrita. As cartilhas, faziam relação com esses métodos passando a serem amplamente utilizadas como livro didático para o ensino. No contexto Brasil, a mesma sucessão de oposições pode ser analisada (MORTATTI, 2000).

Anterior ao século XX, os estudos relacionados à alfabetização no Brasil eram escassos e baseados, tão somente nos métodos e cartilhas para as técnicas do ato de alfabetizar. O contexto social da época não tinha o conhecimento do ler e escrever como imprescindível, poucas pessoas tinham acesso à educação, pois não era algo determinante para seu convívio social. A educação era algo distante para a maioria da população brasileira. No século XIX deu-se início a um processo de implementação do Sistema Brasileiro de Ensino, (MORTATTI, 2006).

Sendo assim, para Mortatti (2006), o Brasil passou por várias etapas na busca de a tentativa de assimilar o processo de alfabetização, tendo assim quarta etapa de cruciais no seu marco histórico com a alfabetização, que são elas: Metodização, a institucionalização do método analítico, a alfabetização sob medida (a disputa dos métodos mistos versos analíticos); a desmetodização. O Sistema de Metodização deu início a alfabetização, no final de 1875. A educação através das chamadas “Aulas régias”, A maneira de ensinar a leitura e a escrita era por mecanismo da cartilha do ABC considerada o mais antigo da história. Para Mortatti (2006, p.5) os métodos utilizados nessa época eram:

Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da "parte" para o "todo"): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, está se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras. (MORTATTI 2006, p.5)

De acordo com, Soares (1998), o termo letramento é uma tradução para o Português da palavra de língua inglesa literacy, que significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever. Esse mesmo termo é denominado para o Dicionário Houaiss (2001, p.214) “como um conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito”. Para Sigwalt (2012, p.106), no Brasil, o termo letramento não substituiu a palavra alfabetização, mas aparece associada a ela.

A palavra “letramento” começou a ser utilizada, em nosso país, nos anos de 1980 por pesquisadores das áreas de Educação e Linguística. No entanto, diferentes têm sido seus significados e objetivos. Existe uma articulação entre alfabetização e letramento embora a primeira palavra não seja pré-requisito para a segunda. A ideia central designada pelo termo “letramento” está vinculada à compreensão de que não basta a alfabetização no sentido restrito de mera decodificação e codificação da linguagem escrita, é preciso saber utilizar a leitura e a escrita de acordo com as contínuas exigências sociais. (SIGWALT, 2012, p.108)

A produção teórica sobre letramento no Brasil é referenciada por Kato (1986), Tfouni (1988), Kleiman (1995), Soares (1998 e 2010), Terzi (2001), Mortatti (2004), entre outros, que destacam a necessidade do letramento, mas não explicitam como alfabetizar, no sentido restrito de garantir o domínio sistemático da grafia da língua portuguesa que é pré-requisito indispensável para que os sujeitos possam fazer uso efetivo da leitura e da escrita.

Segundo Sigwalt (2012), acredita-se que, no Brasil, Paulo Freire foi um dos idealizadores da proposta de “alfabetizar-letrando” num momento em que esta expressão ainda não existia. Para Paulo Freire (1987) “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, inicialmente, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa

manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade” (p. 8). Embora tenha se tornado conhecido pela criação do método de alfabetização que recebeu o seu nome, seria reducionismo considerar-se a proposta de Paulo Freire como apenas um método de alfabetização de adultos. Freire criou uma concepção de alfabetização inserida numa concepção de educação.

Para Magda Soares (2003): “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto em que a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.” Por isso, não se pode mais fazer uma criança simplesmente aprender a ler e escrever com o intuito de meramente codificar e decodificar a palavra, ela precisa utilizar todo esse contexto da leitura levando em conta a ação de alfabetizar letrando. O que era tido na alfabetização, como um ato de ler e escrever de forma mecanizada, agora passa a ter um novo foco.

Para, Neves (2015), acompanhar o processo de passagem de crianças da escola de educação infantil para a escola de ensino fundamental e conhecer como, na sala de aula, as crianças e professoras utilizaram o tempo e os espaços para definir como, com quem, quando e onde desenvolveriam suas atividades e quais as consequências dessas atividades para o que as crianças poderiam aprender nesses espaços institucionais, e de suma importância para entender o processo de letramento dos pequenos.

O discurso da importância de se considerar os usos e funções da língua escrita com base no desenvolvimento de atividades significativas, de leitura e escrita na escola foi bastante difundido a partir da década de oitenta em nosso país. Atualmente exige-se, uma escola que seja capaz de garantir a todos os alunos o acesso ao saber elaborado.

E o domínio da linguagem escrita em seu sentido amplo, que vem de uma perspectiva que articula alfabetização e letramento, representa um instrumento básico, uma ferramenta fundamental para a apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos. Desta forma veremos nos capítulos a seguir a importância da língua portuguesa como referencial para construção do conhecimento e letramento na educação infantil Brasileira.

CONCEITOS DE LER, ESCREVER E BRINCAR PARA CRIANÇAS PEQUENAS

Na educação infantil, assim como ocorre em diferentes contextos sociais, as oportunidades de aprendizagem da leitura e da escrita são construídas por meio de práticas de letramento desenvolvidas por participantes de um determinado grupo (Castanheira et al., 2001; Cook-Gumperz, 1991; Tuyay et al., 1995).

A noção de letramento vem sendo utilizada principalmente, como horizonte político para o trabalho escolar de alfabetização (GOULART, 2001; 2003a; 2003b; GOULART et al., 2005; GOULART, 2006; 2007; 2010). Aprender a escrita somente tem sentido se existir a inclusão das pessoas no mundo da escrita, ampliando sua inserção política e participação social.

Para Goulart (2006), a escrita pode ser definida como um sistema de comunicação humana é por meio dela que pode-se realizar representações gráficas da linguagem verbal, os signos desenhados em algum suporte físico. A interpretação de caracteres escritos é conhecida como leitura.

Ainda para a autora, a abordagem da língua em que se prioriza a reflexão linguística de caráter formal-sistemático, como na maioria dos métodos de trabalho alfabetizador, insisti na escansão de unidades mínimas da língua, fragmentando-a, é incompatível com uma perspectiva histórica e viva da língua (cf. BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988, p.104).

Para Bakhtin, "a história da língua torna-se a história das formas linguísticas separadas (fonética, morfologia, etc.) que se desenvolvem independentemente do sistema como um todo e sem qualquer referência à enunciação completa" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988, p.105).

Para Brito (2012), a escrita é uma das tecnologias mais importantes desenvolvidas pelo ser humano, na medida em que sua invenção é considerada o ponto de partida formal da História (e, portanto, o fim da pré-história), visto que antes lhe era impossível deixar documentação. que narrou ou evidenciou os eventos.

Segundo, Britto (2012):

Aí está um desafio difícil: inserir a criança no mundo da escrita é mais que alfabetizá-la, se entendermos por alfabetização apenas o domínio do código; ou é iniciar a alfabetização, se compreendermos por alfabetização a inclusão em um universo cultural complexo em que a escrita aparece (BRITO, 2012, p.58).

De acordo com Goulart (2014), toma-se como base o modo como os processos de escolarização e de alfabetização são concebidos, como diz: Paulo Freire - como ato político e prática de liberdade. Nosso país, vale lembrar, tem apresentado muitas dificuldades para efetivar esses processos de forma a transformar a condição de cidadania da população brasileira como um todo.

Nos trabalhos pedagógicos, observamos que as crianças desde muito pequenas são capazes de analisar a língua, relacionando os conhecimentos que percebem e suas articulações com aqueles que já possuem, mantendo o significado ativo (PACHECO, 1992; 1997; GOULART, 2011, entre outros).

Para Brito (2012), a leitura é um processo de apreensão/compreensão de algum tipo de informação armazenada num suporte e transmitida mediante determinados códigos, como a linguagem. O código pode ser visual, auditivo e inclusive tátil, como o sistema Braille. Destacando que nem todos os tipos de leitura se apoiam na linguagem é o caso, dos pictogramas ou ainda das partituras de música.

De acordo com Soares (2018), há elementos essenciais no processo de alfabetização: a escrita e leitura. Uma criança que aprende a ler nos anos iniciais consegue completar o processo de alfabetização com maior rapidez. Compreendendo que uma criança só é completamente alfabetizada se ela é capaz de compreender aquilo que escreve, e essa compreensão vem por meio da leitura e do reconhecimento dos códigos de linguagem.

De acordo com Resende (2020), no Brasil, o termo letramento foi usado pela primeira vez por Mary Kato (1986) em uma obra intitulada “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. Depois disso, muitos autores se interessaram pelo tema, tendo como consequência diversas pesquisas científicas.

Para Kleiman (1995, p.19), o letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos”. Entende-se o conceito de letramento de forma mais ampla que o de

alfabetização, pois o letramento inclui o domínio das convenções da escrita, mas também o impacto social que dele advém.

De acordo com, Magda Soares (2007, p. 5), “no Brasil, os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, como veremos nos capítulos abaixo, se superpõem e frequentemente se confundem”.

De acordo com, Zen (2018) os desdobramentos na maneira como se entende o processo de alfabetização são:

O fato de considerar alfabetização e letramento como dois processos distintos configura uma cisão, ainda que sejam considerados indissociáveis das práticas sociais de leitura e escrita. O uso de dois termos para designar o ingresso dos estudantes nas culturas do escrito pressupõe que existam dois objetos de conhecimento, dois processos de aprendizagem e duas maneiras distintas de ensinar. Pode sugerir também que o sujeito pode passar por um sem necessariamente passar pelo outro. (ZEN, 2018, p. 215).

Por se tratar de um processo, ainda recente e pouco difundido, ainda há muito caminho a trilhar, para definir qual o real processo de combinação entre alfabetização e do letramento, veremos abaixo o conceito de brincadeira e sua importância na infância.

Define-se como brincadeira: "Uma atividade que a criança começa desde seu nascimento no âmbito familiar" (Kishimoto, 2002, p. 139). De acordo com Vygotsky (1999), a brincadeira exerce uma forte influência no desenvolvimento infantil uma vez que é utilizada pela criança, de um lado pela necessidade de ação e por outra para satisfazer suas impossibilidades de executar determinadas ações.

A brincadeira infantil assumiu ao longo da história contornos distintos. Afinal, a criança, sujeito primeiro desse ato, também ao longo do tempo foi se modificando, no que diz respeito aos papéis que assumia na sociedade. A maneira como era vista e compreendida foi sendo modificada, demasiadamente, ao longo do tempo e, assim, também o modo como a sociedade lidava com ela.

De acordo com Vygotsky (1984, p. 97):

“A brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado por meio da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz”. (VYGOTSKY, 1984, p. 97)

O brincar, antes visto como inerente à natureza dos pequenos, e seu funcionamento biológico, como constituinte do modo como se manifestavam na vida, foram sendo, progressivamente, transformados numa atividade marcada pelas relações dos sujeitos brincantes com seu meio e sua cultura.

Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. (BROUGÈRE, 2010, p.104).

Nesse sentido Brougère (2010) segue nos advertindo que:

A brincadeira é uma mutação do sentido de realidade: as coisas aí tornam-se outras. A brincadeira não é um comportamento específico, mas uma situação na qual esse comportamento toma uma situação específica. É possível ver em que a brincadeira supõe comunicação e interpretação. Para que uma situação particular surja, existe uma decisão por parte daqueles que brincam: decisão de entrar na brincadeira, mas também de construí-la segundo modalidades particulares. (BROUGÈRE, 2010, p.106).

Considerando que compreendemos o brincar como uma situação a ser aprendida, e não inata ao comportamento infantil, como nos apontou Brougère (2010), ele tem fim em si mesmo e dele decorrem inúmeras e importantes aprendizagens. Nesse sentido, cabe a nós refletirmos sobre esse ato e seu lugar de importância na educação das crianças pequenas, bem como facilitador no processo de ler e escrever.

O LUGAR DO LETRAMENTO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS E A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO A LEITURA

De acordo com Michaliszyn (2012) et al. Gonçalves (2017), leitura significa englobar uma sequenciação de lógicas que transcendem as narrativas das diversas obras literárias, decifram, criam e inovam conhecimentos populares e científicos, bem como, favorece sobremaneira a compreensão, o desenvolvimento, a aquisição e a construção da linguagem oral e escrita dos sujeitos. Tal prática é tida como um ato social, que liga dois sujeitos leitor e autor, ambos, pode relacionar-se indiscriminadamente e compartilhar sonhos e emoções além de ser considerada como uma fonte infinita de prazer a leitura é um fenômeno socializador capaz de transforma a visão das pessoas (

Leitura é um instrumento que nos leva ao autoconhecimento dos fatos históricos e atuais, aflora a alteridade do leitor para apossar dos benefícios explorando as diferentes culturas e costumes. É um recurso que vai alimentando a fonte inesgotável da criticidade, da imaginação, curiosidade e compreensão dos indivíduos. Leitura é o ato ou efeito de ler; arte de ler, aquilo que se lê. (SILVEIRA, ,1898-1989, p.373).

Para Barbosa (2013), a leitura é uma maneira de descobrir novos conceitos, símbolos, códigos, sinais e expressões verbais e não verbais, tal prática é um empoderamento essencial ao homem pois os permitem assimilar e compreender novos saberes. A leitura globalmente oferece recursos indispensáveis para resolver conflitos de modo civilizado e democrático.

Ela tem o poder de romper com as fragilidades e transforma as pessoas em sujeitos aptos para conhecer e ocupar seu espaço físico e abstrato em meio à sociedade, o transformando em seres pensantes e críticos sociais. Seguindo esse contexto, a leitura fortalece em demasiado o desenvolvimento integral da personalidade das habilidades e competências dos educandos. É o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade (INFANTE, p.57, 2000).

Entende-se por leitura a principalidade de formar e refinar o conhecimento, a moral, a comunicação, a ética, a conduta e o caráter dos indivíduos. Tal como, fortalece e concretiza sobremaneira a responsabilidade, o respeito, a criatividade, a criticidade, a tomada de decisão e o domínio em processar informações perpetuadas em sua realidade e dos seus semelhantes. Leitura é ato ou efeito de ler; arte de ler, aquilo que se lê. (BUENO; SILVEIRA, p. 373, 2000).

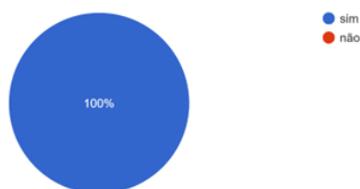
Segundo Rossi, (2011), a todo momento a leitura contribui fervorosamente para o crescimento pessoal, social, profissional e cultural do sujeito e por ser considerada uma ação livre e democrática, esta prática ao longo do tempo, propicia o leitor a estabelecer relações reais com o tempo, com as palavras, com a tecnologia e consigo mesmo. A leitura é uma vertente importantíssima, pois, expande dia após dia a capacidade de ouvir, e de expressar e ao mesmo tempo resgata tradições preciosas que pouco a pouco vem caindo no esquecimento humano (GONÇALVES, 2017).

Para Britto (1999) a leitura deve ser entendida como ação cultural e histórica, portanto, para além do aspecto cognitivo ou afetivo. Ler é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de sua experiência, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos.

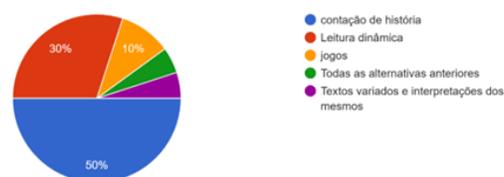
A leitura se faz sempre sobre textos que se dão a ler, textos que trazem representações do mundo e com as quais o leitor vê-se obrigado a negociar. Conforme este autor (1999), a leitura é "um ato de posicionamento político diante do mundo". Desse modo, é importante que o indivíduo tenha consciência sobre o processo de leitura, pois assim poderá se colocar frente às afirmações trazidas no texto, não as tomando como verdades absolutas, mas como produto.

Segundo depoimentos em entrevistas através do formulário google, com perguntas fechadas, realizada com cerca de 20 educadores, entre 9 meses e 36 anos de magistério, atuantes em escolas públicas e particulares. Foi possível mensurar que, 100% deles valorizam a leitura e utilizam algum meio de leitura para o processo de alfabetização em sala de aula, como podemos ver nos gráficos abaixo.

4) Como professor, você valoriza a leitura e a escrita desde as séries iniciais?
20 respostas



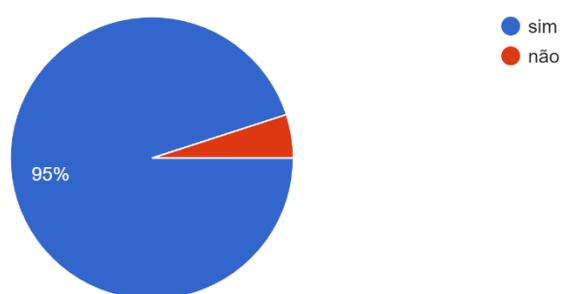
7) Que atividades vc aplica em sala de aula para o processo de alfabetização e/ou letramento?
20 respostas



Em relação a prática cotidiana em suas vidas pessoais, essa porcentagem permanece bem parecida, visto que 95% deles estimulam a leitura para seus filhos regularmente, em depoimentos pessoais o principal argumento para este estímulo, este centrava-se no desenvolvimento das habilidades de socialização das crianças que a leitura proporciona, além da autonomia, negociação de conflitos, ajuda mútua, construção da história do grupo e sua coesão.

3) Você estimula a leitura regular para seus filhos e/ou alunos?

20 respostas



De acordo com, Rangel (2003), conforme vimos anteriormente, o livro didático, ocupa um lugar de destaque pois, “tornou-se, no Brasil, um instrumento inescapável de letramento” e incentivo à leitura, pois “para muitos brasileiros escolarizados, o LIVRO DIDÁTICO tem sido o principal ou o exclusivo meio de acesso ao mundo da escrita”. Para Corrêa (2003, p. 53) muitos estudantes no Brasil só têm acesso ao texto literário por meio do LIVRO DIDÁTICO.

Nas últimas décadas não faltaram programas e leis no intuito de promover mudanças culturais, que visavam melhorar o desempenho dos leitores, intervir na sua formação e, ainda, possibilitar o acesso a diferentes materiais de leitura. A partir dos anos 1990 é possível constatar vários atos governamentais, oriundos do Ministério da Educação (MEC), e do Ministério da Cultura (Minc), instituindo a elaboração e implantação de programas nacionais na área da leitura. Tais ações priorizavam a distribuição de livros, especialmente os didáticos, o que explica a afirmação acima de Rangel (PERES, 2009).

Segundo Peres (2009), após anos de reuniões, com autoridades escolares e de bibliotecas do Rio de Janeiro, empresas e a mídia eletrônica e impressa, a Fundação

Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNJL[5], apenas em 1989, apresentou uma proposta de incentivo à leitura para o Instituto Nacional do Livro – INL.

A partir das discussões sobre a importância da leitura foi criado o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), vinculado a Fundação Biblioteca Nacional, - órgão do Ministério da Cultura - através do Decreto Presidencial nº519, de 13 de maio de 1992. Somente em 2006, o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL/2006) é vinculado à Fundação Biblioteca Nacional e foi instituído pela Portaria Interministerial - Ministério da Cultura e Ministério da Educação - nº. 1442 (PERES, 2009).

Segundo, De Jesus Pereira (2013), praticar a leitura na infância está diretamente ligado em despertar na criança o prazer em ler. É interessante colocá-las em contato com os clássicos da literatura Infantil, como os contos de fadas, que tanto mexem com nossa imaginação e proporcionam o desenvolvimento da criatividade.

Alguns autores atribuem à leitura o objetivo de “transformar” o meio em que vivemos, a partir da leitura infantil, como é o caso de Coelho (2000, p. 15) ao afirmar que:

Estamos com aqueles que dizem: Sim. A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. [...] É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e dos jovens. (COELHO, 2000, p. 15)

Com essa finalidade a leitura é uma grande aliada ao letramento, de acordo com Foucault, a importância da escrita deve ser encarada não apenas em função de seu papel como meio de comunicação e expressão, mas também, como instrumento de pensamento. Sendo este um pensamento adaptado às novas exigências do progresso tecnológico. Se existe uma relação entre o mercado de trabalho e a leitura e, conseqüentemente, a escola, é preciso, nessa nova necessidade global, procurar dar para o maior número possível de pessoas uma formação intelectual que desenvolva a utilização de operações abstratas e, portanto, um domínio melhor da língua escrita, cujo exercício torna viável esse modo de pensamento. (FOUCAULT, 1997, p. 12)

Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, se tornou mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona

rural. Desta maneira, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno, a importância do surgimento da escrita para a história das civilizações é tão grande que é considerada como um marco fundamental do desenvolvimento. Por causa disso costuma-se chamar de Pré-História o período anterior à escrita.

Não por virtudes que lhe são imanes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral. Por isso, friso que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. (MARCUSCHI, 2000, p. 17)

A presença do escrito nas sociedades contemporâneas é tal que ela supera toda capacidade de conservação, mesmo para a maior biblioteca do mundo, que é a do Congresso dos Estados Unidos, que seleciona e a outras bibliotecas os materiais que não pode aceitar. Aliás, é preciso pensar não apenas nos livros, mas também em todos os materiais impressos. Qualquer um pode fazer a experiência, observando quantos materiais impressos chegam à sua caixa de correio. (CHARTIER, 1999, p. 27)

De acordo com, Daley (2010), a palavra impressa permitiu primeiramente o letramento de pessoas comuns, e foi muito eficaz, mas privilegiar uma linguagem impressa significa ignorar o sucesso de outras tecnologias - gravação em áudio, rádio, cinema e televisão - que passaram a existir desde os primórdios da impressão da escrita. Essas tecnologias se tornaram, para os cidadãos médios, os modos mais comuns de receber informação, de se comunicar uns com os outros e de se divertir. Não é difícil perceber como a gramática dessas tecnologias há muito invadiu o nosso pensamento coletivo. As metáforas da tela se tornaram comuns nas falas cotidianas.

Afirmamos neste artigo o conceito de letramento, na perspectiva de explicitar o sentido social da aprendizagem da língua escrita, a utilização da noção de letramento tem levado a dicotomizar forma & sentido, técnica & conhecimento, individual & social, fonema & linguagem, entre outros elementos. Uma forte evidência deste fato é a associação cada vez mais estreita dos dois termos, alfabetização e letramento, em que alfabetização se associa com o primeiro elemento de cada dupla elencada e letramento, o segundo. As expressões "alfabetizar letrando" (SOARES, 1998) e "letrar alfabetizando" (GOULART, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se mostrar neste artigo a importância da tríade, ler e brincar, bem como explicitamos os conceitos de letramento é necessária a qualidade, eficiência e competência dos gestores educacionais, da coordenação pedagógica, de professores para que haja às discussões do tema letramento, definindo qual a melhor teoria.

Retomando a questão do letramento escolar e do letramento social, embora haja diferenças significativas entre eles, há, por outro lado, uma correlação positiva entre o grau de instrução e os níveis de letramento. Para Soares (2004), a hipótese é que letramento escolar e letramento social, embora situados em diferentes espaços e determinados tempos, são partes de processos sociais mais amplos, o que explicaria por que experiências sociais e culturais do uso da leitura e da escrita proporcionadas pelo processo de escolarização, acabam habilitando os indivíduos para participar de experiências sociais e culturais de uso da leitura e da escrita no contexto social extraescolar.

Considera-se, dessa maneira, que os objetivos delineados foram parcialmente atingidos, tendo ficado algumas lacunas pouco exploradas, especialmente, sobre o contexto das discussões do lugar que o letramento representa e abordar sobre a intensificação da alfabetização na educação infantil a partir do séc. XIX.

No entanto, como nenhum estudo é capaz de esgotar completamente um tema, tão rico de ser explorado considera-se que a pesquisa trouxe resultados significativos dentro do percurso de graduação, trazendo assim a possibilidade que podem servir de ponto de partida para outras investigações e intervenções futuras a respeito do tema.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e Leitura**. 3ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

_____, J. J. **Alfabetização e Letramento**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 4ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **O discurso no romance**. In BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni, José Pereira Jr et al. 4ª ed. São Paulo: Unesp: Hucitec, 1998 [Original russo, 1924]

_____. **Os gêneros do discurso**. In BAKHTIN, M. Estética da criação verbal Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRITTO, L. P. L. **Letramento no Brasil**. Curitiba. Iesde, 2005.

CHARTIER, R. **A Aventura do Livro do Leitor ao Navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.

CORRÊA, A. C. de. **Sabor de sabor Pão de Açúcar**, à luz da semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Comunicação e Semiótica, 2023.

DE RESENDE, Maria Aparecida; RESENDE, Tamiris Cristhina. Análise da importância da leitura no processo de alfabetização na concepção de Magda Soares e de Paulo Freire. **Revista Linguagens & Letramentos**, v. 5, n. 1, p. 07-07, 2020.

FERREIRA, V. et al. **Alfabetização e letramento**: utilização dos métodos no processo de alfabetização e letramento dos alunos nos anos iniciais. *Revista Facimp-Empowerment*, v. 1, n. 1, p. 90-101, 2020.

FERREIRO, E. (1996). **Reflexões sobre alfabetização** (H. Gonzales et al., Trans.). São Paulo: Cortez, 1996.

_____. (2001). **Alfabetização em processo** (M. N. Paro, Trans.). São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, E., & TEBEROSKY, A. (1985). **Psicogênese da língua escrita**. (D. M. Lichtenstein et al., Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, P. (1987). **A importância do ato de ler**: Em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1987.

FOUCAMBERT, Jean. **A Criança, o Professor e a Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GOULART, C. M. A.. **Práticas de letramento na Educação Infantil: o trabalho pedagógico no contexto da cultura letrada.** *Revista Teias*, v. 7, n. 13-12, 2006.

_____. **Letramento e polifonia: um estudo de aspectos discursivos do processo de alfabetização.** *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 18, p.5-21, set./dez. 2001.

_____. **Questões de estilo no contexto do processo de letramento: crianças de 3ª série elaboram sinopses de livros literários.** In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Orgs.) *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003a, p.35-49.

_____. **Uma abordagem bakhtiniana da noção de letramento: contribuições para a pesquisa e para a prática pedagógica.** In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Orgs.) *Ciências Humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003b, p.95-112. (Coleção Questões de Nossa Época)

_____. **et al. Processos de letramento na infância: modos de letrar e ser letrado na família e no espaço educativo formal.** Relatório final de pesquisa. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, CNPq, dezembro de 2005.

_____. **Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo.** *Revista Brasileira de Educação*, v.11, n.33, p.450-460, set/dez.2006.

_____. **Processos de letramento na infância: aspectos da complexidade de processos de ensino-aprendizagem da linguagem escrita.** In: SCHOLZE, L. e RÖSING, T. M. K. (Org.). *Teorias e práticas de letramento*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007, p.61-82.

_____. **Cultura escrita e escola: letrar alfabetizando.** In: MARINHO, Marildes e CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010, p.438-456.

_____. **A. Alfabetização, discurso científico e argumentação.** In: LEITÃO, S. & DAMIANOVIC, M. C. *Argumentação na escola: o conhecimento em construção*. São Paulo: Pontes, 2011, p.129-151.

_____. **Política como ação responsiva breve ensaio sobre educação e arte.** In: FREITAS, M. T. (Org.). *Educação, arte e vida em Bakhtin* Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.69-93.

INFANTE, U. **Texto: Leitura e escritas.** São Paulo: Scipione, 2000.

KATO, M. A. **No mundo da escrita – uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.
KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a Escrita – atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORTATTI, M. D. R. L. **HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL**. Alfabetização e letramento em debate. Brasília: Portal MEC. 2006.

_____. **Alfabetização do Brasil: uma história de sua história**. São Paulo: Ed. Cultura Acadêmica, 2011.

NEVES, V. F. A.; CASTANHEIRA, M. L.; GOUVEA, M. C. S. **O letramento e o brincar em processos de socialização na educação infantil brincadeiras diferentes**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, p. 215-244, mar. 2015. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782015000100215&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 abr. 2024.

PACHECO, C. M. G. **Um estudo exploratório de aspectos do processo de produção de textos escritos por crianças de 7 anos**. 1992, 245 p., Dissertação (Mestrado em Letras), PUC-RJ, Rio de Janeiro.

_____. **Era uma vez três cabritinhos**: a gênese do processo de produção de textos escritos. 1997, 306 p., Tese (Doutorado em Letras), PUC-RJ, Rio de Janeiro.

PEREIRA, E. de J.; FRAZÃO, G. C.; DOS SANTOS, L. C.. **Leitura infantil**: o valor da leitura para a formação de futuros leitores. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 3, n. 2, 2013.

PERES, SELMA MARTINES; GONÇALVES, ANA MARIA. Políticas de incentivo à leitura e livro: Interfaces dos programas adotados no Brasil a partir da década de 1990. **Acedido maio**, v. 12, p. 2016, 2009.

RANGEL, E. de O. **Letramento literário e livro didático de língua portuguesa**: “os amores difíceis”. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces –o jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2003.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam. Leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação: 5ª ed.

SILVEIRA, Bueno. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. Edição para o Ensino Fundamental. 1898-1989. São Paulo: FTD, 2000.

SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. Alfabetização e letramento: conceitos e relações. **Belo Horizonte: Autêntica**, p. 11-22, 2007.

SOARES, M. B. **As muitas facetas da alfabetização**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985.

_____, M. B. **Apresentação. Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 15-19, dez. 2002.

_____, M. B. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 25, p. 5-16, jan./abr. 2004.

_____, M. B. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____, M.B. **Entrevista concedida ao Jornal do Brasil em 26/11/2000**. Disponível em: <http://quintalmagico.com.br/educar-e/letrar-e-mais-que-alfabetizar.html>. Acesso em: 20 out. 2010.

_____, M.B. **Letramento - um tema em três gêneros**. Autêntica, 2018.

_____, M. B. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, Vera Masagli (org.) *Letrar no Brasil, reflexões a partir do Inaf 2001*. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.